



12º Simpósio de Ensino de Graduação

A ÁGUA COMO UM BEM ECONÔMICO MERCANTIL NO CONTEXTO LATINO AMERICANO

Autor(es)

RHAYANNA YURI DA SILVA VIEIRA
SÉRGIO DE JESUS HENRIQUE JUNIOR

Orientador(es)

MARIA THEREZA MIGUEL PERES

Resumo Simplificado

Desde o final do século passado, a água vem se tornando um tema de extrema importância na agenda mundial, sendo, portanto, uma questão de interesse político. É um bem imprescindível para a humanidade que a consome diretamente e através de alimentos, sendo essencial para a produção agrícola. De modo geral, a água disponível no planeta terra para consumo humano é de aproximadamente 3%, dos quais 2/3 estão congeladas. Com a poluição, o irracional desperdício e, atualmente, a falta de chuva, a ideia de escassez vem se propagando. Através disso, grandes empresas têm a chance de fazer da água um bem econômico comercial que possibilita alavancar os ganhos empresariais com sua comercialização. Partindo desse contexto, o artigo tem por objetivo abordar e analisar a questão da água como um bem comercial na América Latina no início do século XXI, em especial na Bolívia, lugar onde aconteceu um dos eventos de maior importância no âmbito internacional: “A Guerra das Águas”. A pesquisa realizada neste trabalho teve caráter explicativo, tendo como base bibliografias referentes à revolução popular desencadeada na Bolívia no ano 2000, que permitiu abordar e analisar todos os aspectos históricos necessários para o atendimento do tema e objetivo proposto. A América Latina dispõe da maior reserva geológica de água, segundo a FOA (Food and Agriculture Organization of the United Nations) e é, portanto, lugar de interesse estratégico por parte das empresas e dos Estados nas quais estão localizadas. Na medida em que outros lugares ou regiões apresentam menor capacidade hídrica, a América Latina apresenta um ambiente propício para as metas mercantis e capitalistas de lucro, o que desperta interesses econômicos deflagrando situações de desigualdade e conseqüente exploração. Os países de menor acesso à água, sendo nações centrais no sistema mundo (como os EUA), contam com empresas transnacionais, capacitadas para exploração desse recurso natural nos países periféricos. De modo geral, ambos têm vantagem econômica nessa negociação pela água, visto que até mesmo o Banco Interamericano de Desenvolvimento declarou estímulo à participação privada – em sua maioria dos países imperialistas – nos serviços relacionados à água, no documento BID-CEPAL de 1998. Segundo esse documento, “quase todos os governos da América Latina e Caribe anunciaram políticas de aumento da participação privada nos serviços públicos relacionados à água”. Esse trabalho permitiu a verificação e a conclusão de que a revolta que eclodiu na cidade de Cochabamba ocorreu após o então presidente, Banzer, entregar à corporação norte-americana Bechtel o controle do sistema de abastecimento da cidade e cobrar da população altos impostos sobre a água então utilizada. Esse ato levou o povo, em sua maioria indígena e camponeses rurais, às ruas para lutar pelo acesso ao bem de direito à toda humanidade, a água. Em decorrência deste acontecimento, abriu-se espaço para novas eleições cujo candidato eleito pela maioria foi Evo Morales – também indígena – que ao mesmo tempo em que trouxe esperança ao povo indígena e outras categorias sociais que se aliaram ao movimento dos chamados “rebeldes”, com seu discurso de mudança, também trouxe a insatisfação da minoria branca que não aceitou as propostas do seu governo.